

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA VINHA  
EM SÃO PAULO

A REGIÃO DE SÃO ROQUE

DIRCEU LINO DE MATTOS

*A região viti-vinicola de São Paulo não abrange área muito extensa, pois está concentrada principalmente em dois municípios: Jundiaí e São Roque. Apesar disso é uma das mais características de nosso Estado, oferecendo aos geógrafos um interessantíssimo campo para estudos e observações.*

*O prof. DIRCEU LINO DE MATTOS, sócio cooperador da A. G. B. e titular da cátedra de Geografia Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, de longa data vem estudando essa região. O que se vai ler constitui uma parte da tese apresentada pelo autor à IVa. Assembléia Geral da A. G. B., reunida em Goiânia (dezembro de 1948), que deverá ser publicada na íntegra nos respectivos Anais.*

Os que têm estudado a vinha no Estado de São Paulo. — Se dispuzéssemos de uma carta atual mostrando a distribuição das atividades agrícolas do Estado de São Paulo, observaríamos nela uma área em que o cultivo da videira tem assinalado destaque. Tal área, situada respectivamente ao norte e a oeste do município da capital paulista, abrange os municípios de Jundiaí e São Roque. Embora em outros sítios e, sobretudo, nas zonas periféricas da cidade de São Paulo possamos encontrar indícios da atividade vitícola, em nenhuma delas o seu cultivo, tanto pela extensão da área cultivada como pela sua posição no conjunto da atividade agrícola, desempenha o papel de destaque que lhe cabe na paisagem rural desses dois municípios. Este fato é comprovado pelas referências que lhe foram feitas por Pierre Deffontaines (1), que bem conhecia as diferentes regiões do nosso Estado, e por Armand Perrin, que se revelou tão metódico em seu celebre trabalho sobre a civilização da vinha (2). Se não bastassem as referências desses dois eminentes geógrafos franceses à região vitícola paulista, poderíamos recorrer ainda ao reputado enologista Dr. Celeste Gobbato, que, além de se referir aos dois citados municípios, considera particularmente São Roque

como "zona privilegiada para o cultivo da vinha", por suas condições climáticas (3).

Qualquer que seja, porém, o valor dessas referências, um fato é certo: elas não oferecem nenhuma contribuição eficiente ao seu estudo. O prof. Pierre Deffontaines, que visitou a região de Jundiaí, escreveu sobre a mesma um pequeno artigo de jornal, que tem apenas o valor de impressões de um espírito arguto. O prof. Armand Perrin dedica um pequeno espaço do seu livro ao vale do Traviú, em Jundiaí, e tudo faz crer que o seu conhecimento da região lhe tenha sido transmitido pelo prof. Deffontaines. É uma referência muito sumária e a única, em todo o seu livro, sobre a viticultura paulista. Quanto ao Dr. Celeste Gobatto, que também se limita a referências sumárias sobre Jundiaí e São Roque, tem sobre os dois citados geógrafos a vantagem de nos oferecer alguns dados sobre as condições de clima e solo da região. Quem mais se detém no estudo da viticultura em São Paulo, como enologista e, de certo modo, como historiador da vinha, é o sr. Julio Seabra Inglez de Sousa, que dirigiu os trabalhos da estação experimental de São Roque e que se encontra hoje à frente de idênticos trabalhos na Estação Experimental de Curupira (Louveira). São estes os únicos elementos de referência sobre a região; sem dúvida, elementos quantitativamente deficientes.

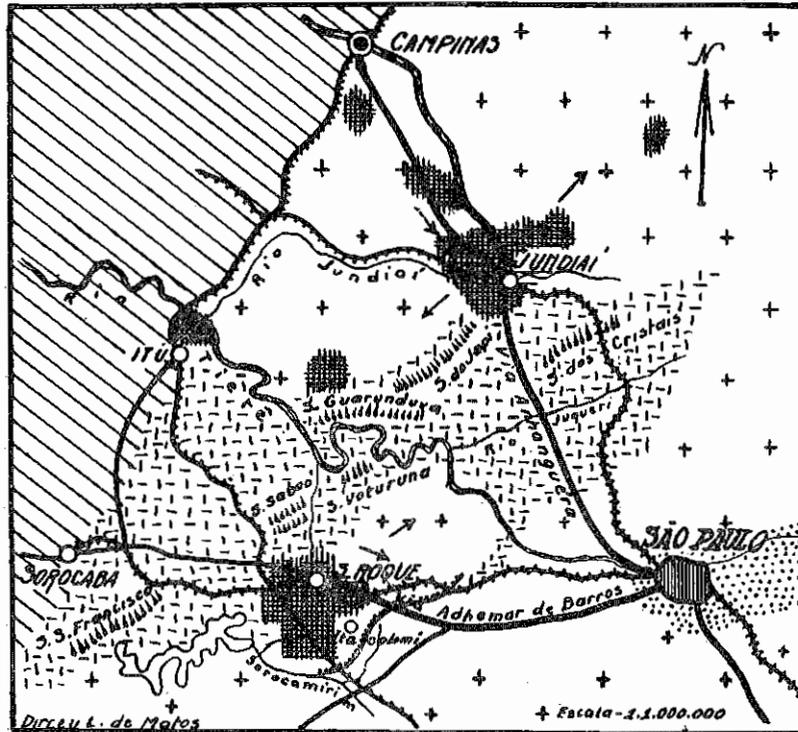
**A área viti-vinícola de São Paulo.** — Percorrendo mesmo ligeiramente o município de Jundiaí ou o de São Roque, sentimo-nos em presença duma paisagem totalmente diferente da do resto do Estado. É a paisagem dos extensos vinhedos, grimpendo-se pelas vertentes inclinadas ou estendendo-se pelas pequenas várzeas do fundo dos vales. É a presença da cantina ou da adéga, ao lado da casa do viticultor. São os tanques de sulfatagem, dispersos pelos vinhedos e visíveis de longe. Nesta paisagem da uva, nada lembra as nossas tradicionais lavouras de café ou de algodão. Embora existam algumas grandes propriedades vitícolas, como em Jundiaí, são as pequenas propriedades as formas dominantes e o pequeno viticultor o tipo característico da região. Aqui, a economia foge inteiramente aos padrões tradicionais, isto é, à forma colonial ainda predominante na maioria das nossas atividades agrícolas e que consiste em produzir exclusivamente para exportar. A economia vitícola, pelo contrário, surge e vive exclusivamente em função do mercado interno.

Esta região da vinha não ocupa, sem solução de continuidade, toda a área que se estende de um município a outro. Entre

ambas, orientados "grosso modo" do sentido N.E.-S.O., erguem-se os blocos montanhosos da região de xistos da série São Roque, profundamente entalhados pelo Tietê. Exceto o Tietê, que cortou epigeneticamente essas estruturas, os rios menores, em grande parte responsáveis pela reesculturação do relêvo atual, se adaptam à estrutura e originam vales orientados grosseiramente de leste para sudoeste. Tais vales, como o do próprio Tietê, são, em parte, as vias naturais de circulação aproveitadas para o traçado das ferrovias e rodovias. Devido à sua orientação, agem como forças dispersoras e não aglutinadoras das relações entre os dois citados municípios. A êles se deve, naturalmente, a ausência de relações permanentes entre os moradores de Jundiá e São Roque. Não podemos falar dum insulamento, mas não é absurdo falarmos dum isolamento entre ambas, o que tem contribuído para dificultar o intercâmbio de técnicas e de idéias entre estas duas zonas onde a viticultura vem adquirindo grande desenvolvimento.

Focalizamos propositadamente êste aspecto, porque êle parece ser o responsável pelo fato das duas zonas se originarem e evoluírem independentemente sob o ponto de vista da viticultura. O cultivo da vinha em Jundiá é obra exclusiva do colono italiano. Em São Roque, em extensas áreas, é atividade ligada ao lavrador brasileiro e português. Embora, aqui, os primeiros cultivadores da vide em bases econômicas tenham sido os italianos, a sua posição atual, no quadro agrícola do município, é bem diversa da que podemos observar em Jundiá. Ademais, o processo de povoamento da região sanroquense por parte de colonos estrangeiros foi totalmente diverso do verificado em Jundiá.

Dentro de cada um desses municípios, as áreas vitícolas aparecem formando pequenas "ilhas". A paisagem da vinha não domina ainda regiões tão extensas como a dos cafèzais. Intercalados entre elas, surgem campos pobres ou capoeirões raquíticos. Muitas vezes, são as roças de milho, os campos de cebola ou os velhos parreirais abandonados. Ao invés de imaginarmos uma paisagem, em que os vinhedos se sucedam ininterruptamente dentro da região, devemos pensar em blocos compactos, mas dispersos, que se erguem dos sítios onde as condições de relêvo, clima e solo tem se mostrado melhores ao seu desenvolvimento. A área vitícola é, ainda, relativamente pequena dentro de cada um dos citados municípios. E' que estamos em face duma atividade recente, que luta por se adaptar e crescer. Esta fôrça de crescimento, esta expressão de vitalidade são visíveis aos nossos olhos através de inúmeros parreirais novos e de inúmeras terras.



ESBOÇO PRELIMINAR DA CAPTA DOS PRINCIPAIS CENTROS VITI-VINICOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Via - Auto Estrada		Capeamento Paleozóico	{ filitos arenitos
Estrada de Rodagem		Série S. Roque	{ filitos quartzitos
Est. Ferro-Bitola estreita		Granitos e Gneiss	
" " " Larga		Capeamento cenozóica	
" " " estr. eletrif.		(argilas)	
" " " larga "		A área dos filitos e quartzitos	
Frente dissecada da Serra Taxaquara		(série S. Roque) corresponde à zona de relevo mais movimentada da região.	
Área onde a vinha é predominante.			
Sentido da expansão vinhateira.			

recém-preparadas para o plantio da vinha. São visíveis, também, através das modalidades de vida e trabalho dos jovens viticultores da região. De fato, esta região não atingiu ainda aquêlê estágio de saturação em que camponês e terra são modelados de maneira irreduzível e em que êsse mesmo camponês revela possuir aquela mentalidade e aquêles hábitos típicos das velhas zonas vinhateiras. Aqui, o homem está realizando novas experiências, pondo em jôgo novas habilidades, revelando com tôda pujança seu poder de domínio sôbre as fôrças da terra. A região da vinha, em São Paulo, caracteriza-se justamente por êste aspecto dinâmico e atual de transformação e criação de paisagens.

Sobreviverá esta região aos problemas econômicos e geográficos que a afligem, para atingir aquele estágio de maturidade a que nos referimos pouco acima? E' difícil qualquer previsão sôbre o seu futuro, especialmente num país onde as atividades econômicas surgem e morrem ao sabor das vantagens imediatas. Esta região da vinha não recebeu até agora nenhum grande impacto que pudesse por à prova a sua capacidade de resistência.

**A região vitícola de São Roque: evolução da paisagem rural.** — A região vitícola de São Roque não é, no momento, a mais importante por sua produção, mas é a mais interessante por sua origem e evolução. O cultivo da vinha em Jundiáí explica-se fâcilmente pela presença duma grande colônia italiana, que ali se fixou em fins do século passado. Em São Roque, ao contrário, a atividade vitícola está menos ligada, em sua extensão atual, a êsse elemento. A presença do lavrador italiano foi aqui muito dissimulada pelo número relativamente pequeno com que contribuiu para o povoamento da região e pela sua dispersão dentro do município. São Roque, ademais, nunca foi, como Jundiáí, um grande centro de colonização e isto devido à ausência do café em suas terras. Os italianos ou seus descendentes aqui chegaram procedentes de outras regiões do Estado, já com algumas posses e adquiriram pedaços de terra. Eles aí vivem ao lado de lavradores brasileiros, espanhóis, japoneses, alemães, etc. e não formam a maioria da população local, como acontece nos distritos jundiáenses de Traviú e Caxambu. Se tudo nos indica que devemos atribuir a êles o início do cultivo da vide em bases econômicas, é verdade também que a paisagem atual da viticultura sanroquense está menos ligada à sua presença do que a de Jundiáí.

Parece-nos que a modalidade de povoamento seguida pelo elemento italiano em São Roque, aliada às condições do meio

físico, influiu poderosamente para a diversificação das técnicas agrícolas entre os dois municípios viticultores. Dissolvidos no meio duma coletividade de tradições rurais distintas das do seu país de origem, os italianos de São Roque não conservaram com o mesmo vigor dos seus compatriotas jundiaienses os hábitos e costumes dos vinhateiros do além-mar. Os italianos ou seus descendentes, na região sanroquense, assemelham-se ao nosso caboclo em suas técnicas de trabalho agrícola e em seus hábitos domésticos. O único traço que serve para distinguir a origem peninsular é o seu gosto pela sanfona, o prazer do vinho e o amor pelos vinhedos. Embora a vinha tenha sido cultivada muito antes de sua chegada à região, quando esta se deu aquela não existia mais. E, embora ainda, o registro mais antigo acuse o dr. Stevaux como o primeiro plantador de videira na segunda fase da história agrícola de São Roque, foi um italiano que plantou aí o primeiro vinhedo. Tudo indica que, apesar de não terem sido os introdutores da videira em São Roque, foram os italianos os primeiros a cultivá-la em bases econômicas e, em consequência, os primeiros a provocar a difusão do seu cultivo. Antes, porém, de abordarmos o papel do elemento italiano nessa difusão, procuraremos acompanhar, com os elementos de que dispomos, a evolução da paisagem rural sanroquense, de suas origens aos nossos dias.

O povoamento da região iniciou-se no século XVII, com o estabelecimento de Pero Vaz de Barros no sítio onde hoje se ergue a cidade de São Roque. Conta a história que este fidalgo português tomou posse das terras da região por influência do padre Guilherme Pompeu de Almeida, proprietário de uma grande fazenda e de um importante castelo em Araçariguama. Vaz de Barros, de posse das terras da região, escolheu para sede da fazenda a pequena colina ladeada pelos ribeirões Carambé e Aracaí, ao longo da qual se estende hoje o núcleo mais importante e mais antigo da cidade. Um irmão de Pero Vaz, Fernão Vaz de Barros, também se estabeleceu na região e na mesma época, ocupando as terras do atual sítio Santo Antônio, no caminho então existente entre Araçariguama e a fazenda do irmão mais velho.

Do primitivo povoamento da região, os únicos vestígios existentes são o velho casarão de Fernão Vaz de Barros, hoje transformado em patrimônio histórico, e parte do enorme e soturno castelo do padre Pompeu de Almeida, no bairro do Colégio, em Araçariguama. O exame dos documentos e dos fatos históricos indica que foi a região norte do atual município a primeira a ser

povoada. Nela tiveram início as atividades agrícolas, que mais tarde haveriam de se expandir para o sul. No decorrer de todo o século XVII, a única zona de vida ativa e de trânsito era a que se situa entre a atual cidade de São Roque e Parnaíba. Araçariguama, situada entre ambas, era o centro urbano mais importante depois de Parnaíba, dentro dessa extensa região. Por essa época a atividade agrícola era representada por grandes plantações de marmelos (de que resultou um bairro chamado Marmeleiro) e pelo cultivo do trigo, praticado, particularmente por Pero Vaz de Barros. O algodão, que provavelmente já era cultivado pelos indígenas, integrou-se também na paisagem agrícola de então, tendo largo desenvolvimento sobretudo nas áreas mais setentrionais da região.

Data desse período a introdução da videira em São Roque. Pero Vaz de Barros, que a trouxe consigo, o seu irmão e o padre Pompeu cultivaram-na com sucesso em suas fazendas. Os vinhedos, por eles formados, permitiam-lhes o fabrico de bom vinho para uso doméstico. Esta viticultura setecentista não deixou sua marca na paisagem. Entretanto, sua experiência constituiu a primeira prova das possibilidades da viticultura na região, hoje comprovadas pela expansão que a mesma vem adquirindo no município. A viticultura atual não possui nenhuma relação histórica com os ensaios dos três primeiros povoadores da região. Entre aquela época e a atual abre-se um grande hiato. A viticultura primitiva desapareceu com a morte dos que a iniciaram e o sec. XVIII caracterizou-se por profundas modificações econômicas da região. O ciclo do ouro, atraindo como poderoso ímã a imaginação dos homens, estendeu sua esfera de ação até esta zona e, como resultado, provocou êxodo de grande parte da população local. O desaparecimento dos três grandes senhores, que repartiam entre si as terras da região, veio agravar a situação demográfica e econômica. O século XVIII foi um século de despovoamento e ruína para o então município de Parnaíba, a cuja jurisdição pertenciam as freguesias de São Roque do Carambeí e Araçariguama.

Só depois de passada a febre do ouro, a região começou a se reerguer e, mesmo assim, muito lentamente, até os nossos dias. No decorrer da primeira metade do séc. XIX a lavoura canavieira se instala no norte do município, adquirindo importância local. Posteriormente, já na segunda metade desse século, o algodão entusiasma os lavradores e o seu cultivo absorve a atenção de todos. Essas duas culturas, embora modestamente, são fatores de repovoamento da região.

Este mesmo século assistiu ao nascimento da atual viticultura sanroquense. Dois fatos, estranhos entre si, foram as molas propulsoras da viticultura paulista, dum modo geral, e, de modo particular, da sanroquense. Foram, respectivamente, a introdução de variedade de videiras nativas dos Estados Unidos e a chegada de imigrantes italianos. A videira nativa norte-americana, mais rústica que as variedades viníferas de origem européia, adaptava-se melhor às condições do nosso clima. Tanto isso é verdade que, ainda hoje, os postos experimentais não conseguiram obter nenhum resultado com a maioria das espécies européias. Se a introdução das variedades norte-americanas de videiras e a chegada dos imigrantes italianos foram dois fatores importantes para a eclosão da viticultura paulista, para a sanroquense em particular, associa-se um terceiro fator, que foi o da ausência dos cafêzais em suas terras. O primeiro parreiral de que temos notícia, já organizado com espécies rústicas norte-americanas, foi plantado na fazenda Pantojo, em 1865, pelo dr. Stevaux. Nessa mesma época, um modesto vendedor ambulante de origem italiana, fixou-se no bairro do Setúbal e aí "transformou um brejo num excelente vinhedo" (4). Alguns anos depois, um tal Santos Sobrinho, provavelmente de origem portuguesa, fabricava um ótimo vinho com uvas do seu vinhedo. Esse vinho começou a chamar a atenção de todos pela delicadeza do seu aroma e do seu sabor (4).

Estas primeiras tentativas foram o ponto de partida da viticultura moderna de São Roque. No decorrer dos últimos anos do século XIX e primeira década do século XX, o plantio da vinha foi se alastrando pelo município, timidamente até por volta de 1926, recebendo daí para cá um impulso vigoroso. Até cerca de 1926, cultivava-se exclusivamente a "Isabel", muito combatida pelos ampelógrafos. A "Isabel" difundiu-se com maior rapidez por ser mais rústica e mais produtiva, embora, sob o ponto de vista da qualidade, não fosse nem boa uva de mesa nem boa uva para vinificação. Depois de 1926, foi introduzida no município a "Seibel 2", oriunda da França e trazida por Marengo. A "Seibel 2" é um híbrido de variedades rústica americana e vinífera e se adaptou muito bem às condições locais da região de São Roque. A quase totalidade dos vinhedos atuais do município é constituída pela "Seibel 2", conservadas as proporções aproximadas de 65% e 25% respectivamente desta e da "Isabel". Realizam-se, no momento, tanto no pôsto experimental como em inúmeras propriedades vitícolas locais, experiências com novas espécies, tais como híbridos de Seibel, Villard, Malêgue, Barbêra, etc. Estas

experiências revelam o esforço dos viticultores pelo aperfeiçoamento de sua produção vinícola. Todos procuram, de um lado, obter uvas que produzam vinhos mais leves e, de outro, vinha cuja maturação ocorra antes ou depois da estação das chuvas.

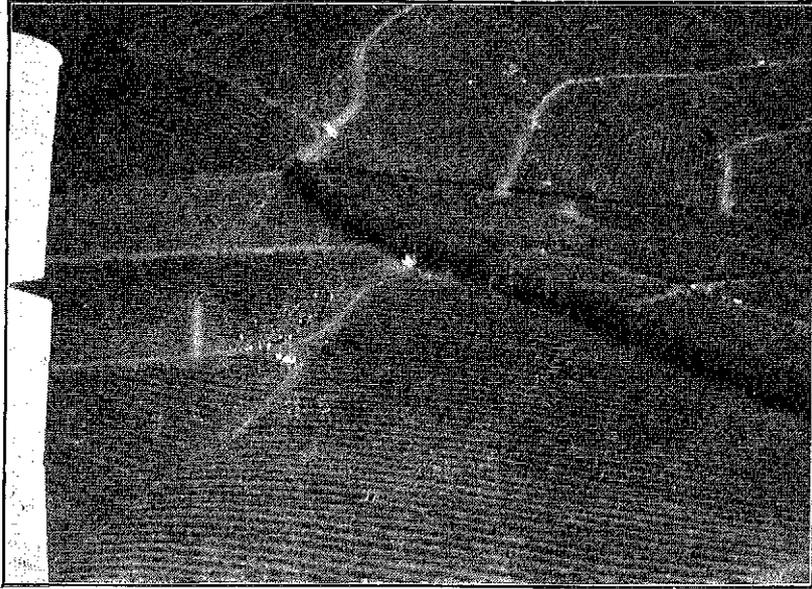
A expansão da área cultivada vem se desenvolvendo com relativa rapidez. Na impossibilidade de confrontarmos esta evolução por dados numéricos relativos à utilização da terra, socorremo-nos dos dados relativos à quantidade de videiras plantadas no município. Por esses dados verificamos que, com apenas 800 mil pés de uva em 1933, tem hoje o município perto de 3.500.000 pés. Este crescimento, aliado ao desejo de aperfeiçoar a técnica vitícola, revelam a vitalidade da jovem viticultura sanroquense.

A vinha, ao contrário do que observamos com os cultivos dos séculos anteriores, estende-se sobre a região central e sul do município. Ao norte, ela não vai além de dois quilômetros da cidade. Os limites atuais do seu cultivo podem ser fixados, "grosso modo", ao longo da estrada de rodagem que cruza o município. Para leste, Mailasqui é o último centro de grande produção, embora centros como São João, Vargem Grande e mesmo Cotia revelem certas tendências ao seu cultivo. Para oeste, a vinha vai pouco além de Mairinque.

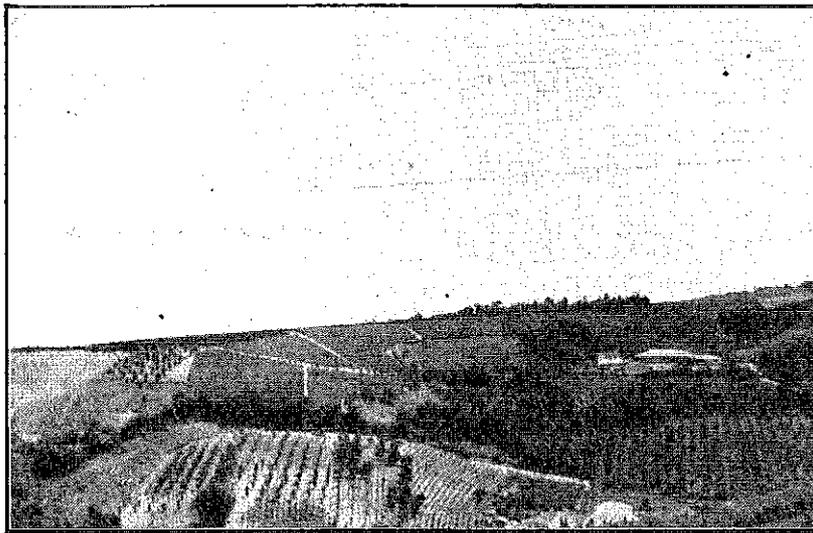
#### **Paisagem atual da região de São Roque: as áreas vitícolas.**

— No século XVII, o cultivo da vinha, visando exclusivamente o consumo doméstico, ocupou pequenas áreas do sítio onde se ergue hoje a cidade de São Roque. Nessa época, ela aparecia também ao norte do município, nas fazendas de Fernão Vaz de Barros (Fazenda Sto. Antônio) e do padre Guilherme Pompeu de Almeida (Araçariguama). Entretanto, com exceção da área vizinha à cidade, onde atualmente a vide ocupa extensas áreas, a região norte não possui mais nenhum vestígio de viticultura.

Atualmente, as áreas vitícolas se estendem, de um lado, ao longo dos trilhos da Sorocabana e da estrada de rodagem estadual e, de outro, ao longo dos trilhos do ramal Mairinque-Santos e das estradas municipais que, saindo de Mairinque e São Roque respectivamente, se unem em Setúbal, rumando para Ibiúna. Para quem chega na região, procedente de São Paulo, o primeiro contato com os grandes vinhedos ocorre em Mailasqui. O cultivo da vinha, nesta área, recebeu um grande impulso após a instalação da "Companhia Cinzano", que ali adquiriu grandes extensões de terras em 1937. Sendo uma empresa de alta capacidade de produção, tornou-se um ótimo mercado local para os sitiantes da região. Só essa companhia possui cerca de 83 alqueires plan-



*Visão aérea do vinhedo da "Cia. Cinzano, em São Roque. — Observem-se os homens no trabalho e as manchas brancas que correspondem aos tanques de sulfatagem, regularmente distribuídos ao longo das plantações. Esta é uma das armas com que o viticultor luta contra as enfermidades e pragas da vinha. O vinhedo é plantado perpendicularmente à linha do declive, aproximando-se grosseiramente da técnica das curvas de níveis. (Foto do autor).*



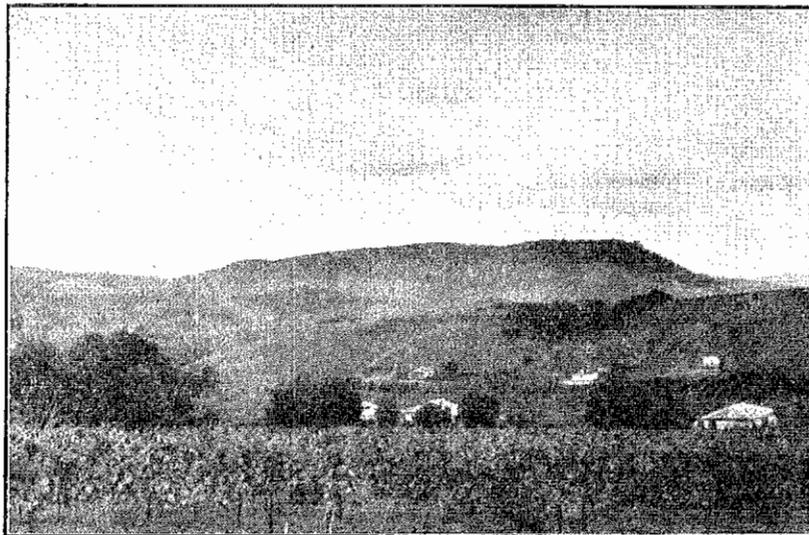
*Chácara Batista, entre São Roque e Mailasqui, nas encostas do vale do Aracat. — A videira foi plantada em um verdadeiro anfiteatro, fugindo ao fundo do grotão cavado pela ação intensiva do ravinamento das enxurradas. No segundo plano, à esquerda, plantações de oliveiras. No primeiro plano, videiras e pereiras. Tanto no primeiro como no segundo plano aparecem os conjuntos da habitação vinhateira; a casa e a adéga. (Foto do autor).*

tados com uvas, sendo o seu vinhedo constituído atualmente com mais de 500.000 pés de videiras. Esta quantidade é insuficiente para atender às necessidades de sua produção de "vermouth" e, por isso, recorre ela aos sitiantes locais, que lhe vendem a sua produção.

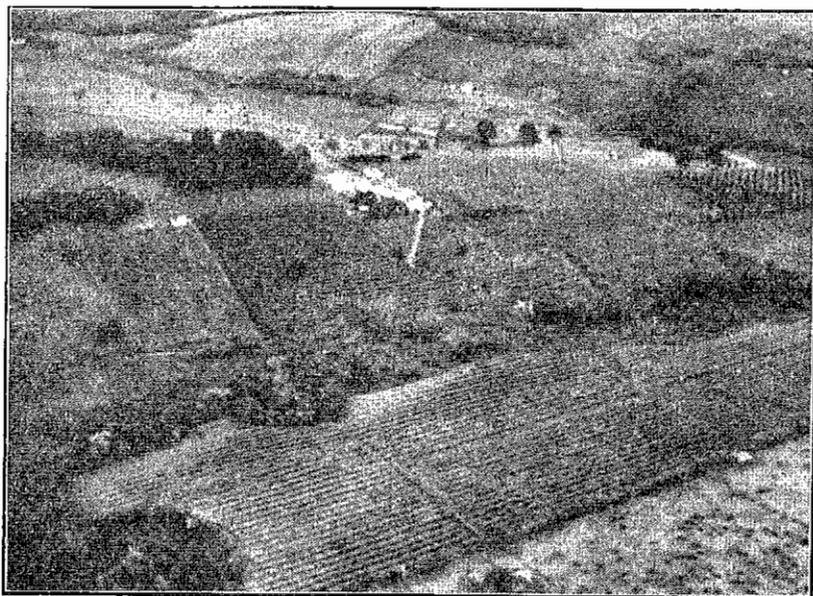
De Mailasqui a São Roque, marginando a ferrovia ou a rodovia, a paisagem da vinha é quase contínua. Tôda essa área vitícola, estabelecida sôbre as vertentes do Aracaí, está intimamente ligada ao elemento português. A maioria d'esses viticultores iniciou-se em sua atual atividade de uns vinte anos para cá. Antes dessa data, os que ali já se haviam estabelecido dedicavam-se ao cultivo da pera, do milho, da batata inglêsa e da cebola e só lentamente toram substituindo êsses cultivos pelo da vinha, que hoje é exclusivo em inúmeras dessas propriedades. Quando as vertentes do Aracaí cobriram-se com os verdejantes vinhedos que hoje ostentam, os sitiantes brasileiros de Sorocá-Mirim já se haviam iniciado em seu cultivo.

O segundo bloco compacto da vinha desenvolve-se num semicrescente, ao norte da cidade, marginando o plano aluvial construído pelo Putribu e seus afluentes. Esta área constitui o limite setentrional do cultivo da vinha no município e é menos exclusivista em suas culturas. Ao lado de belos parreirais, plantados com capricho nas meias-encostas do vale do Putribu, aparecem os campos de cultivos anuais e as pequenas hortas. A alcachôfra, menos freqüente na área anterior, é aqui intensamente cultivada. Nesta paisagem multiforme, a uva se destaca e imprime à terra a marca persistente da sua presença. No foto n.º 3 focalizamos um trecho desta área, para mostrar como é intensa aí a utilização do solo. Nenhuma superfície, exceto a dos altos cumes coroados por capoeirões descontínuos, é deixada sem cultivo. O povoamento é menos disperso e ao redor das pequenas casas, que a fotografia nos mostra, estendem-se pequenos mais viçosos vinhedos. O viticultor italiano ou de descendência italiana é o elemento predominante nesta paisagem, com suas bem cuidadas chácaras. A maioria dos pequenos viticultores dessa área vende sua produção para a companhia "Gância", que tem suas instalações industriais na cidade. A companhia "Gância", do mesmo modo que a "Cinzano", é uma grande emprêsa, produtora de "vermouth" e tem estimulado extraordinariamente o desenvolvimento do cultivo da vinha entre os pequenos sitiantes localizados na faixa vizinha da cidade.

Para o sul, respectivamente, de Mairinque e São Roque, localizam-se os dois núcleos vitícolas mais antigos do município:



*Paisagem da região que corresponde ao semicrescente situado na zona de transição entre a área rural e suburbana da cidade de São Roque. — Representa o limite atual da expansão da vinha para o norte do município. A vinha ocupa pequenas áreas nas partes mais baixas das encostas e é associada a outras culturas, como a da alcachófra e da cebola. No último plano, encosta "roçada" para o plantio do milho. Em todas as encostas, como esta, a vinha ocupa a parte inferior, a meio-caminho do fundo do vale. As casas ocupam as partes baixas das encostas, onde o lençol freático se aproxima da superfície. No primeiro plano, parreiral da Estação Experimental de São Roque. (Foto do autor).*



*Cultivo da uva em terrenos de pequena declividade e em solos de várzea. — No plano médio, à direita, plantações de pêra e, à esquerda, pequeno bosque artificial. Observe-se como o arruamento das videiras é traçado perpendicularmente à linha do declive. No primeiro plano, mata-galeria ao longo do ribeirão Ponte Lavrada e vinhedos de várzea. As vinhas do primeiro e do segundo plano são de propriedade de lavradores brasileiros já radicados desde há muito tempo. (Foto do autor).*

Setúbal e Sorocá-Mirim. Foi num pequeno sítio de Setúbal que, por volta de 1870, José Casali iniciou o cultivo da vide que haveria de se expandir tanto em Setúbal como em Sorocá-Mirim. O seu vinhedo foi formado com a "Isabel", recém-introduzida no país e oriunda da América do Norte. Esta espécie de videira teve grande difusão devido à sua resistência aos ataques das pragas e às condições do nosso clima. Foi por intermédio do seu cultivo que nasceu a nossa primeira região vitícola. Atualmente, toda a extensa área de Setúbal está pontilhada de vinhedos, que se erguem vigorosos nos melhores pedaços de terra. O cultivo da vide aí não é exclusivo. Essa região produz ainda milho, batata, cebola, alcachôfra, legumes, etc. Das 114 propriedades da região, 74 possuem vinhedos associados a cultivos de cereais e legumes e 40 dedicam-se apenas ao cultivo das plantas anuais. O cultivo da pera, que teve grande incremento anos atrás, está hoje quase totalmente abandonado. De Setúbal, a vinha foi se estendendo pelo município e a experiência de Casali, imitada inicialmente pelos seus vizinhos, ganhou terreno entre os sitiantes da região mais próxima. O bairro de Sorocá-Mirim foi o primeiro a tentar o seu cultivo depois de Setúbal. Aqui foi um velho paulista, descendente dos primeiros povoadores da região, quem o iniciou. Enquanto Setúbal constitui, como a área vizinha da cidade de São Roque, um núcleo de grande influência italiana, Sorocá-Mirim é uma área vitícola eminentemente brasileira. A vinha nessa zona está ligada ao caboclo, descendente dos antigos povoadores da região.

**Os fatores do desenvolvimento da viticultura sanroquense. —** A atividade econômica, em qualquer dos seus estágios ou em qualquer dos sistemas econômicos em que se enquadre, depende de um conjunto de condições naturais e humanas para o seu êxito. Se esta afirmação é válida mesmo para aquelas atividades aparentemente libertas das imposições do meio geográfico, seu valor cresce de significação quando a aplicamos às atividades agrícolas, tão dependentes das condições de topografia, clima e solo, como é o caso da viticultura. O desconhecimento das condições naturais do meio físico em que uma determinada atividade econômica se origina e evoluiu, acarreta para o estudioso dos problemas econômicos uma deturpação da realidade que procura investigar. Sua visão será tão mutilada como a do geógrafo que desconhece os problemas sociais, políticos e econômicos que incidem sobre as atividades econômicas do homem. Exemplo muito claro da ação deste complexo de influências, na explicação da origem e evolução

duma atividade econômica e de sua conseqüente atuação sobre as transformações da paisagem geográfica, nos é dada pela viticultura sanroquense. Quais foram, nesta região, as condições naturais e humanas que propiciaram o seu desenvolvimento? É o que procuraremos examinar neste trabalho.

A região de São Roque ocupa a parte extremo ocidental do complexo cristalino, a oeste da cidade de São Paulo. Sua definição e caracterização em relação às regiões vizinhas são relativamente fáceis. Trata-se dum bloco enrugado, constituído de rochas antigas muito metamorfoisadas e ladeado, a leste, pela planície cenozóica de São Paulo e, a oeste, pelos terrenos primários da "depressão periférica". Para nordeste, o seu prolongamento confunde-se com o arqueano. A sua orientação para sudoeste sofre um ligeiro movimento de flexão na altura de São Roque, voltando-se para su-sudoeste, confundindo-se novamente com os terrenos arqueanos da Serra do Mar. Sob o ponto de vista litológico, é um bloco de rochas cristalofilianas, em que predominam o quartzito, o filito, o gnais e o granito denominado Pirituba ou "ólho de sapo". Este bloco é limitado a leste e a oeste por escarpas muito dissecadas e se distingue das regiões vizinhas pela movimentação do seu relêvo. De fato, a relativa heterogeneidade da sua estrutura geológica origina um relêvo de formas desigualmente dissecadas. O exame da carta topográfica do Estado, de 1:100.000, fôlha de São Roque, mostra, em parte, este aspecto. Dissemos em parte, porque uma grande área da região ainda não foi levantada e quando o fôr deverá figurar na fôlha de Sorocaba. Nessa região observamos, ao lado de formas topográficas muito esbatidas, a ocorrência de formas bastante entalhadas e, ao lado de espigões contínuos que morrem em pendentes quase abruptas que lembram "fronts" de "cuestas", a presença de superfícies amorreadas que dificultam o traçado das estradas. No conjunto, porém, esta é uma região típica de maturidade média, com um relêvo bastante movimentado. Observando-se a paisagem geomórfica do ponto mais alto da serra da Taxaquara (1.100 m), verificamos a energia dos entalhes que dissecou êsse grande bloco, pondo a nu formas fósseis indicadoras do nível do peneplano pós-cretáceo que ali se erguia.

As variações locais de estrutura e de rochas correspondem variações de solos e, conseqüentemente, variações da paisagem cultural. Os maciços desgastados da série São Roque, que atravessam a região de nordeste para sudoeste, caracterizam-se por uma sucessão de cristas denominadas localmente de morros: morro do Botoruna, do Ibatê, do Saboó, etc. Esta é a área de domínio

dos quartzitos e dos filitos, os quais originam solos muito pobres. A água é aqui escassa e o povoamento extremamente disperso. Para sudeste, aparecem os gnaisses e os granitos, de cuja decomposição se originam solos de fertilidade média capazes de suportar uma agricultura permanente. A paisagem geográfica se modifica: o relêvo é menos acidentado, a água é mais abundante e a ocupação humana é mais intensa. Podemos afirmar que é nesta área que se assenta o setor vitícola da região sanroquense.

As condições topográficas, associadas às condições dos solos, criaram nesta região um quadro propício à viticultura, que os homens estão começando a explorar. De fato, a ocorrência de encostas batidas pelo sol e pelos ventos permite a existência de solos arejados e enxutos, mesmo por ocasião das grandes chuvas. Estes solos, oriundos da decomposição do gnaís e do granito, são geralmente pouco compactos, apresentando uma textura grosseira que facilita seu arejamento e a circulação da água. A declividade das encostas onde tem assento a maioria dos vinhedos e a textura dos seus solos são dois fatores importantíssimos nesta região porque a maturação da uva ocorre no período das grandes chuvas. Essas duas condições reduzem, em parte, os inconvenientes que as grandes precipitações de dezembro a fevereiro ocasionam à boa qualidade dos produtos aí colhidos.

Neste ponto passamos para um outro elemento caracterizador da região em estudo: o climático. Este bloco de rochas antigas, sobre o qual se estende a região de São Roque, não se individualiza apenas por sua topografia e por sua litologia, em face das regiões vizinhas. O clima também oferece traços que lhe são peculiares. São Roque pode ser considerado como um "oásis" climático nesta área sul-oriental do Estado. Este clima, que será exposto aqui em seus traços essenciais, oferece boas condições para o cultivo da videira.

O posto termo-pluviométrico de São Roque registra as temperaturas das 7 e 14 horas e as quedas pluviais. Os dados obtidos são enviados para Campinas, onde são retiradas as médias térmicas e o índice pluviométrico da região. Sendo o presente trabalho um resumo das pesquisas que estamos realizando na região, preferimos não utilizar esses dados, sujeitos ainda a uma análise cuidadosa. Para salientar a importância e a peculiaridade do clima sanroquense basta, no momento, fazer o exame dos dados referentes às quatro estações do ano, comparando-os com os de Campos de Jordão, Alto da Bocaina e Teresópolis, que são consideradas como regiões de clima privilegiado e favoráveis ao cultivo de inúmeras plantas de clima temperado quente. Os dados refe-

rentes a São Roque abrangem o período que vai de 1894 a 1902 e foram fornecidos pelo dr. Celeste Gobbato. Os referentes a Campos do Jordão, Alto da Bocaina e Teresópolis foram extraídos do trabalho do prof. Setzer (5).

Estações	São Roque		Teresópolis		Al. da Bocaina		C. de Jordão	
	Temp. C.	Chuvas m/m	Temp. C.	Chuvas m/m	Temp. C.	Chuvas m/m	Temp. C.	Chuvas m/m
Primavera . . . . .	17°,6	364	16°,7	570	14°,2	373	13°,7	425
Verão . . . . .	20°,1	695	19°,7	979	16°,0	830	16°,2	796
Outono . . . . .	16°,4	296	17°,3	628	13°,5	368	13°,3	316
Inverno . . . . .	12°,4	179	13°,6	163	10°,6	110	9°,3	134

Os dados revelam uma certa uniformidade térmica e pluviométrica entre as quatro estações meteorológicas citadas, fato que nos permite considerar a região de São Roque como zona serrana de clima temperado. Podemos verificar ainda que, com exceção do inverno, o índice de chuvas é menor em São Roque que nas outras regiões. Para o período do verão essa diferença é muito importante, devido ser essa a época de maturação da uva e da vindima. As grandes chuvas prejudicam a boa qualidade dos frutos, reduzindo o seu teor de açúcar e ameaçam as plantas com o perigo das pragas e doenças, que o excesso de umidade ocasiona. O índice de luminosidade, de grande importância para a viticultura, não é registrado pelo posto termo-pluviométrico de São Roque. Sabemos que a luminosidade deve a região mediterrânea, em grande parte, sua posição clássica de terra da vinha. Quanto às temperaturas anuais, os dados são os seguintes: média do ano, 16°,6. Para o período compreendido entre 1894 e 1902, as máximas e mínimas registradas foram, respectivamente: 33°,8 (10.11.96) e -3°,8 (19.8.1902). As temperaturas de inverno são favoráveis ao repouso da vinha e isto é de importância decisiva para o seu cultivo. As geadas que, em geral, ocorrem entre junho e agosto, são aguardadas com ansiedade pelos viticultores, pois elas contribuem para que a videira adquira um extraordinário vigor no período da brotação. As geadas tardias, embora não sejam propriamente devastadoras, são indesejáveis; ocorrendo quando a planta já começou a emitir seus brotos, ela os estiola, retardando o seu desenvolvimento. Ainda sob este aspecto, as condições do clima são extremamente favoráveis: os dados a que nos estamos referindo indicam que durante o período de 1894 a 1902, a forma-

ção da geada teve a seguinte distribuição média por ano: outono, 3 dias de geada; inverno 36 dias. As geadas de outono não causam dano algum, pois nessa estação a vide começa a derrubar suas folhas, entrando em repouso vegetativo. As geadas só se tornam prejudiciais quando ocorrem na primavera. A região é bastante ventilada sob o ponto de vista da circulação aérea. Os ventos de sudeste são predominantes e sopram com uma constância extraordinária sobre a região. Sua influência na amenização das temperaturas é um fator importante na climatologia local. As escarpas da Serra do Mar e os altos maciços locais impedem que esses ventos atinjam a região com os excessos de umidade que os caracterizam, favorecendo a manutenção dum estado higrométrico do ar muito favorável à vinha. Os ventos de noroeste, quentes e secos, não exercem aqui sua ação enervante, tão maléfica aos homens e às plantas.

Os dois grandes problemas de natureza climática enfrentados pela viticultura sanroquense são as chuvas e os granizos. Contra a primeira vem-se lutando de várias maneiras. A estação experimental de São Roque tem tentado obter variedades de videiras que frutifiquem antes ou depois da chamada estação das águas. No momento, porém, não existe nenhuma perspectiva de pronta solução para o problema. Os viticultores locais, sentindo a influência nefasta que as grandes chuvas de verão acarretam à boa qualidade dos frutos, solucionam em parte o problema, pela adoção de técnicas especiais de cultivo e preparo da terra. Em geral, plantam as videiras em "ruas" bem espaçadas, nos declives das encostas batidas pelo vento de sudeste (Foto n.º 4). Para evitar a ação erosiva das enxurradas nessas encostas, os lavradores cavam pequenos regos para o escoamento das águas ou aram os centros das "ruas" para que a terra, assim revolvida, retenha a água das chuvas, evitando seu deslizamento morro abaixo. Os dois processos aliviam mas não extinguem o problema dos excessos das águas pluviais. Pela exposição aos ventos dominantes e pelo arruamento adotado, a evaporação torna-se mais intensa, conservando a terra mais seca do que seria sem estas medidas e, ao mesmo tempo, combate-se a erosão, embora sem muita eficiência e de modo pouco racional. No fundo dos vales, onde a terra é mais fértil, a umidade é maior e, neste caso, a única solução consiste na drenagem. Ao contrário do que sucede nas encostas empinadas, nos terrenos planos de várzea o viticultor lava a sua terra após a estação das chuvas.

A luta contra o granizo oferece maiores dificuldades. A chuva é um fenômeno normal e regular. O granizo, ao contrário,

é imprevisível. A única maneira de lutar eficientemente contra sua ação destrutiva seria a adoção de abrigos metálicos. Esta prática, sugerida e adotada por alguns viticultores do sul do país, é muito dispendiosa e a economia vitícola local não possui ainda condições para suportá-la. Ademais, o granizo não é um fenômeno muito comum à região e, quando êle ocorre, as áreas atingidas são relativamente limitadas. Em 1948, o bairro de Sorocá-Mirim foi castigado por quatro violentas chuvas de pedras que atingiram inúmeros vinhedos. Estas foram, porém, as únicas de efeitos realmente desastrosos observadas nestes últimos 20 anos. Nestas condições, a solução do problema do granizo será obtida pela instituição do seguro agrícola contra os seus efeitos danosos.

O meio físico sanroquense, cujos traços essenciais procuramos esboçar, oferece condições muito favoráveis ao desenvolvimento da viticultura. A sua só consideração, porém, não nos fornece nenhum elemento positivo para explicar a origem e o desenvolvimento alcançado por essa atividade agrícola na região. Outros fatores, que não apenas os do meio físico, interferiram sobre as condições de vida local, originando as transformações da paisagem que ainda se operam sob as nossas vistas, nesta área do Estado. Alguns deles, derivados das condições históricas do povoamento e da vida econômica regional, já foram expostos na parte referente à evolução da paisagem rural.

Afirmamos, logo no início deste trabalho, que a viticultura paulista "surge e vive exclusivamente em função do mercado interno". Poderíamos acrescentar "mercado interno e próximo", para evitar uma conceituação muito ampla de "mercado interno", num país extenso como o nosso. Na verdade, o desenvolvimento da viticultura paulista resulta do próprio desenvolvimento da cidade de São Paulo, para onde é enviada a quase totalidade da uva e do vinho produzidos em nossa região vitícola. O grande mercado, que é a capital paulista, favoreceu a eclosão vinhateira sobre aquelas terras que lhe são propícias e que eram, até há pouco, aproveitadas apenas para os cultivos rotineiros da nossa agricultura de subsistência.

O crescimento demográfico de São Paulo teve profundas repercussões sobre as regiões periféricas da grande cidade. Inúmeras atividades econômicas aí se originam, como resposta aos reclamos duma grande população urbana. O prof. Aroldo de Azevedo teve oportunidade de focalizar algumas delas em sua tese sobre "Os Subúrbios Orientais de São Paulo". O caso da vinha, entretanto, não se explica apenas em função deste grande aglomerado humano. O fato mais interessante a ser observado

nesta cidade, transformada em grande mercado para a região vitícola, é a presença do elemento italiano ou a marca da sua influência em nossos hábitos alimentares. Não precisamos e, creio mesmo, não devemos lançar mão dos dados estatísticos para mostrar a percentagem desse elemento na população da cidade. A simples consideração desses dados é insuficiente para explicar esta influência. Atualmente, o número de italianos em nossa população é pequeno. Os descendentes dos imigrantes peninsulares, porém, representam uma cifra ponderável nesta população e eles herdaram dos seus antepassados muitos dos seus hábitos e costumes. E' provável que, menos exigentes que os portugueses e os espanhóis, tenham os italianos ou seus descendentes aceito com mais liberalidade os vinhos de origem nacional. Ademais, o conflito mundial de 39 a 45 e as modificações operadas em nossa vida econômica nestes últimos tempos, refletiram-se sobre as importações de vinhos estrangeiros, as quais chegaram a ser interrompidas por vários anos. Não pode deixar de estar relacionado com tais fatos o grande impulso que tomou a viticultura sanroquense nestes últimos dez anos.

Condições favoráveis do meio geográfico, condições históricas do povoamento, o papel do mercado considerado em seus aspectos quantitativo e qualitativo e a influência de localização, eis aí uma série de fatores cuja análise é indispensável para a compreensão da paisagem agrícola atual da região de São Roque. Poderíamos aduzir, ainda, a importância da circulação, tanto mais significativa se lembrarmos que, à sua evolução, têm correspondido modificações das atividades econômicas, dos gêneros de vida e mesmo das funções regionais desta área. Este assunto, entretanto, constitui tema para outro trabalho. Cumpre-nos, todavia, dizer que São Roque está ligada a São Paulo por uma ótima rodovia, atualmente em fase final de pavimentação. Ligam-na, ainda, à capital paulista os trilhos da Sorocabana, sobre os quais correm hoje trens elétricos. Linhas regulares de ônibus, de trens suburbanos e de serviços de transporte rodoviário põem a região de São Roque em contato diário e permanente com São Paulo e com Sorocaba. Os produtores da região encontram, assim, ótimas vias de escoamento para a sua produção.

**Conclusão.** — O presente trabalho pretendeu focalizar os aspectos gerais da região vitícola de São Roque e dos problemas da sua origem e evolução. Propositadamente, não entramos na análise de nenhum dos seus elementos constitutivos. Ademais, não tratamos de inúmeros outros assuntos, como os referentes

às técnicas agrícolas, aos gêneros de vida, às indústrias vinícolas e à própria economia vitícola. Estes problemas serão focalizados à parte, em trabalhos posteriores.

Limitando-nos a considerações gerais, julgamos ter retratado em seus grandes traços a região da vinha e focalizado alguns dos seus problemas. Julgamos, ainda, que estas considerações nos permitem tirar algumas conclusões sobre a situação atual e as perspectivas futuras da viticultura sanroquense.

Do ponto de vista da geografia física, o primeiro fato a nos chamar a atenção é o da íntima relação entre a distribuição atual da vinha e as condições do meio geográfico. São muito precisas, nesta área, as influências do relêvo, do clima e do solo nessa distribuição. A uva procura os solos da região gnáissica e granítica, fugindo das zonas onde eles resultam da decomposição dos filitos e quartzitos. A zona central e meridional do município, de maior altitude e de solos propícios à videira, é a sede de toda atividade vitícola da região. As condições climáticas são também aqui mais favoráveis à vinha.

Se as condições geográficas repercutiram sobre a distribuição da vinha, a origem do seu cultivo e as causas do seu desenvolvimento repousam sobre condições históricas e econômicas. São Roque, pelas condições geográficas a que já fizemos referência, nunca pôde se transformar num grande centro cafeicultor. Nenhuma das economias agrícolas clássicas do Brasil — cana de açúcar, café, algodão, — alcançou aqui grande desenvolvimento. O próprio cultivo do algodão, que teve algum sucesso, não durou muito. A vinha, embora tardiamente, aparece como uma das soluções para o aproveitamento econômico das terras da região. O imigrante italiano contribuiu com a sua presença para esta solução.

A vinha, ao contrário do que ocorre com os cultivos tradicionais de nossa agricultura — milho, mandioca, feijão, etc —, cresce ao lado da casa do sitiante e sob suas vistas, devido aos cuidados que exige. Ela impõe ao homem uma verdadeira integração à terra. Esta começa, assim, a ser melhor compreendida e cuidada do que outrora. Pela sua ação sobre as modificações das atitudes mentais do lavrador, evidenciada através da prática de novas técnicas agrícolas e da preocupação constante pela sorte do solo de onde brota a vinha, a viticultura sanroquense representa bem uma forma de atividade pioneira, que não é de desbravamento mas de revigoramento de todas as energias do meio geográfico que a acolheu. A vinha adquire, assim, ao lado duma grande significação para a economia agrícola de São Roque, um

papel civilizador altamente expressivo. Ela constitui, ainda, uma solução feliz para o aproveitamento das condições peculiares de clima e solo da região e uma fonte de estímulo ao trabalho que deve e precisa ser amparado pelo auxílio técnico, científico e financeiro do Estado.

Este auxílio torna-se tanta mais necessário quando nos certificamos de que a viticultura paulista, dum modo geral, e a sanroquense, de modo particular, não atingiu ainda sua maturidade. Ela se acha ainda na fase das experiências, dos ensaios, dos avanços e recuos que a natureza e as condições econômicas impõem ao homem. Os segredos da natureza e os da planta não foram totalmente desvendados; o empirismo entra em grande dose nas realizações dos nossos viticultores. Ademais, esta viticultura não passou ainda pela prova de fogo. Enquanto nenhum impacto poderoso a atingir não podemos avaliar sua capacidade de resistência. A única coisa certa, que podemos afirmar, é que a vinha em São Roque constitui um ponderável fator de renovação da mentalidade agrícola e um importante elemento da economia regional. Permanecendo favoráveis as condições que animam hoje os viticultores da região, tudo faz crer que, num futuro próximo, São Roque venha a ser o maior centro vitícola do Estado. Não possuindo indústrias nem possibilidades atuais para possuí-las, sua população evidentemente envidará todos os esforços e inteligência no sentido de melhor aproveitar as ótimas condições de clima, relêvo e solos que a região oferece à vinha, fazendo repousar nela a base de sua vida econômica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. — PIERRE DEFFONTAINES — *Entre os vinhateiros de Jundiá*, in "O Estado de São Paulo", de 30.9.1934.
2. — ARMAND PERRIN — *La Civilisation de la Vigne*, Col. Géogr. Humaine, Gallimard, Paris.
3. — CELESTE GOBBATO — *Manual do Vinivicultor Brasileiro*. Ed. Livr. do Globo. Pôrto Alegre.
4. — INGLEZ DE SOUZA — *História de São Roque vista por um agrônomo*, Revista de Agricultura, São Paulo.
5. — JOSÉ SETZER — *Contribuição ao estudo do clima do Estado de São Paulo*. Edição do D.E.R.